

## MERCADORIAS E LIVRO: ENTRE FUMO DE RAPÉ E AGUARDENTE, NA BELÉM DO SÉCULO XIX

Germana Araújo SALES  
Izenete Garcia NOBRE  
(Universidade Federal do Pará)

**RESUMO:** Este trabalho objetiva apresentar aos leitores atuais um pouco da história do comércio de livros na Belém da segunda metade do século XIX, observando de que maneira os volumes eram comercializados, quais as principais obras divulgadas e como esse cenário se modificou e se ampliou até a fixação de livreiros na cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** mercado livreiro, romances, história da leitura.

**RÉSUMÉ:** Cet article aborde un peu l'histoire du commerce de livres à Belém à deuxième moitié du XIXe siècle, sa constitution, en mettant l'accent sur les problèmes de circulation de livres: quels volumes ont été commercialisés, quelles les principales œuvres diffusées. Il souligne encore l'importance de libraires comme passeurs culturels actifs qui souhaitaient contribuer à la circulation et/ou diffusion des idées dans la culture locale.

**MOTS-CLÉS:** marché du livre, romans, histoire de la lecture.

Na segunda metade do século XIX, a cidade de Belém, em decorrência da intensa imigração portuguesa, ocasionada pelo comércio e extração do látex, começava a intensificar seu mercado de livros, que até então possuía somente o discurso da carência em todas as atividades que envolvessem a cultura escrita. A ausência de locais específicos onde fosse possível comercializar material impresso induzia um julgamento de inferioridade, de isolamento da Província em relação às demais do Império do Brasil. Entretanto, alguns estudos sobre a História do livro e da leitura comprovam que, independentemente da localização das cidades, cada uma

possuía dinâmica particular acordando-se às suas transformações histórico-sociais, culturais e econômicas, como observa Laurence Hallwell<sup>1</sup> quando afirma que Belém apresentava a sétima maior população do Império, a prática de impressão funcionava desde 1821, importava livros diretamente de Portugal e o seu mercado livreiro aparecia representado em grandes catálogos como os de Garraux.

Nos anos finais da década de 1850, segundo dados oficiais contidos na fala do presidente da Província, Manoel de Frias e Vasconcelos, dirigida à Assembléia Legislativa provincial de 1859 e depois impressa pela tipografia de A.J.R. Guimarães, havia três lojas de livros, divididas em duas de propriedade portuguesa e uma de propriedade brasileira<sup>2</sup>, o que não significa que existissem somente esses estabelecimentos para a divulgação do impresso e que este objeto fosse vendido somente nesses ambientes. Nove anos depois do pronunciamento de Manoel Frias, em 1868, o *Almanak administrativo, mercantil e industrial* classifica cinco mercadores e lojas de livros em Belém, o que por si só, demonstra que, nesse meio, parecia haver relações políticas nem sempre esclarecidas.

A despeito de quaisquer relações sociais ou políticas, a listagem dos comerciantes de livros era outra além dos três referidos pelo presidente provincial. Os nomes listados nos almanaques não coincidiam com aqueles referidos por Frias, porém surpreendem em número, como podemos verificar nos dados a seguir divulgados no *Almanak administrativo, mercantil e industrial para o ano bissexto de 1868*:

<sup>1</sup> HALLWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. Trad. de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz, Edusp, 1985, passim.

<sup>2</sup> Cf. fala dirigida a Assembléia Legislativa da Província do Pará, em 01 de outubro de 1859, pelo Presidente da Província Sr. Tenente-coronel Manoel de Frias e Vasconcelos, impresso na tipografia comercial de A. J.R. Guimarães.

<sup>3</sup> *Almanak administrativo, mercantil e industrial para o ano bissexto de 1868*. p. 233.

#### Mercadores e lojas de livros

Antonio José Rabello Guimarães, r. Formosa.

Carlos Seidl & C.<sup>a</sup>, r. dos Mercadores.

Levindo Antonio Ribeiro, tr. do Pelourinho.

Joaquim Ferreira da Silva & C.<sup>a</sup>, tr. da Companhia.

José Maria da Silva, calçada do Collegio.<sup>3</sup>

Como um jogo de quebra-cabeças, as referências se desencontram e se somam, pois a relação de mercadores e lojas de livros citados nos almanaques não se afina com os anúncios em folhas periódicas daquela época, que revelam a presença de livros e periódicos em mais de três lugares, como o Armazém de Francisco Henriques de Mattos; Armazém de J. J Dias da Costa; Armazém de João A. Correa & C.<sup>a</sup>; Armazém da Rua dos Inocentes n. 50; Armazém de Magalhães & Freitas; Casa de Bentes e Alirio; Casa de Santos & Irmãos; Casa da Rua Santo Antonio casa n. 43; Casa de Magalhães & Almeida; Livraria Commercial, de Antonio José Rabello Guimarães; Livraria de José Maria Amaral; Livraria de Carlos Seidl & C.<sup>a</sup>; Livraria Novo Progresso, de Joaquim Ferreira da Silva; Loja de Godinho Tavares & C.<sup>a</sup>; Loja de João Baptista da Costa Carneiro; Loja de Julio Lopes da Cunha; Loja de Bernardo Freire d'Oliveira & C.<sup>a</sup>; Loja de Azevedo; Loja de Manoel Gomes de Amorim; Loja de José Maria da Silva; Loja de Francisco Antonio de Moraes; Oficina de encadernação e Papelaria Nacional, de Levindo Antonio Ribeiro; Oficina de encadernação de Francisco da Costa Junior; Boa fé, de Sobral Fiel & C.<sup>a</sup>.<sup>4</sup> Alguns desses lugares se especializaram na promoção de livros e outros vendiam um pouco de tudo, anunciando periódicos ou livros vendidos em capítulos.

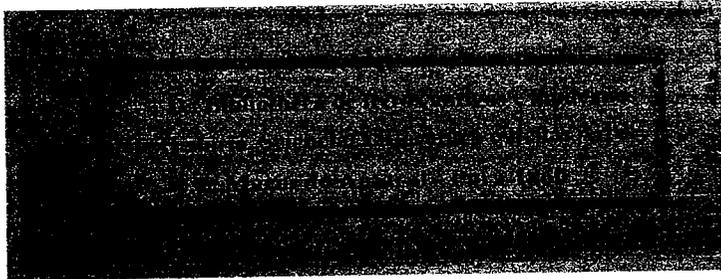
<sup>4</sup> Maiores informações sobre esses livreiros conferir NOBRE, Izenete Garcia. *Leituras a vapor: A cultura letrada na Belém oitocentista*. 2009 XXI (Dissertação) Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará: Belém, 2009.

<sup>5</sup> Segundo José de Alencar, no livro *Ao Correr da Pena* diz: "Não houve remédio senão lembrar-lhe os desvios em que muitas vezes caem certas penas que escrevem sobre coisas de que não têm perfeito conhecimento. Assim há nesta corte um

A título de exemplo, nos referimos à loja de José Maria do Amaral<sup>5</sup>, que etiquetava os livros de seu estoque desde 1860, demonstrando certo investimento nesse ramo do comércio, embora exercesse outras atividades como proprietário de lojas de fazendas e representante de máquinas de costura, além de ser membro do Gabinete Português de Leitura do Pará:

Figura 1

Etiqueta da biblioteca de José Maria do Amaral retirada do livro *A etiqueta de Livros no Brasil: subsídios para uma história das livrarias brasileiras*



Na etiqueta que vinha colada na folha de rosto dos livros de sua biblioteca, Amaral afirmava ter livros de História, Ciência, Literatura e Belas artes que a escrita propiciou armazenar. E, apesar dessa etiqueta e do almanaque administrativo fazerem referência sobre a atuação de Amaral nesse mercado, não há nenhum anúncio sobre a sua livraria nos almanaques, tampouco nas folhas de notícia do período. O fato é que José Maria do Amaral foi apenas um dentre os demais, pois quase todos se dedicavam a vários investimentos e, por isso, não eram classificados como livreiros pelos órgãos competentes.

Observando os dados relatados até aqui, considera-se que Belém, assim como outros centros urbanos, possuía diversos lugares por onde circulava o livro, além das livrarias denominadas como

periódico, de que nem sei o nome que se julgou habilitado a dirigir uma insinuação pérfida a um dos nossos mais distintos diplomatas, o Sr. Dr. José Maria do Amaral”.

tal. E aqui acontecia o que observa Ubiratan Machado: “no século XIX, para preservar o seu negócio, os livreiros eram obrigados a trabalhar com os mais diversos produtos: artigos de papelaria, chá, fumo, louça”.<sup>6</sup>

A citação de Machado explica o meio diverso por onde circulava a cultura letrada, fato que não se modificaria anos depois, como exemplifica a imagem de uma loja, já no início do século XX, na qual funcionava, além de uma tipografia, uma oficina de encadernação, uma livraria e uma loja que vendia objetos diversos como estátuas, luvas, chapéus etc:

Figura 2

Interior da Papelaria Silva, de Alfredo Silva & C<sup>ª</sup>.



Fonte: publicado no Álbum de Belém do Pará de 1902

Ou seja, entre fumo de rapé e uma dose de aguardente, o leitor que quisesse poderia adquirir, também, livros de utilidade como a *Nova lei da guarda nacional*, *Índice da Legislação*; *Guia de jardineiro, horticultor e lavrador*, *Estudos sobre o crédito rural e hypothecario*, por Lacerda

<sup>6</sup>MACHADO, Ubiratan, op. Cit, p. 13.

Werneck ou, o que ainda era melhor, romances de ampla circulação nacional, como *O Piolho Viajante*<sup>7</sup>; *A Vingança*, de Camilo Castelo Branco; *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo ou *As aventuras de Telemaco*<sup>8</sup>. Os livros eram vendidos ao lado do rapé e de material variado para utilidade imediata, como tinteiros e pavios para candeeiros de sala, ou tecidos para confeccionar vestimentas, além de outras obras, na época chamadas de “folhetos e histórias de recreio”, como a *Historia da princesa Magalona* e as *Mil e uma noites*, itens listados constantemente nos anúncios diários.

Também, em casas comerciais como essa, era acessível a compra de almanaques, folhinhas e periódicos, oferecidos com a finalidade de não perder a clientela: “ALMANAKS para 1860. Almanaks de lembranças por Castilho, única edição do Brazil, para 1860, folhinhas de Laemmert para 1860, vendem-se na loja de José da Costa Velloso Faria & C. na Rua dos Mercadores n. 16aa”<sup>9</sup> Dessa maneira os materiais impressos eram vendidos por mercadores ambulantes, por correspondentes, em armazéns, lojas de fazendas, tavernas, tipografias, oficinas de encadernação ou por aqueles que comercializavam esporadicamente alguns títulos, talvez a pedido ou porque constatassem que era um produto lucrativo, como se pode comprovar:

<sup>7</sup> *O Piolho Viajante* é obra portuguesa publicada em 1802. Consta que este foi um dos livros mais lidos durante o século XIX, no Brasil. Esta obra tem sua autoria atribuída a António Manuel Policarpo da Silva e teve inúmeras reedições ao longo dos oitocentos, fato que garantiu sua circulação em todo o Brasil. De acordo com Márcia Abreu, em *Caminhos dos Livros* (2002), o “Piolho” consta entre os “títulos de Belas Letras mais solicitados em requisições submetidas à Real Mesa Censória entre 1808 e 1826 com destino ao Rio de Janeiro”, chegando a 28 pedidos nesse período.

<sup>8</sup> Entre os títulos requisitados à Real Mesa Censória, *As Aventuras de Telemaco* lideraram a lista dos mais solicitados, com 65 pedidos. Mais sobre as requisições submetidas à Real Mesa Censória, ver: ABREU, Márcia. *Os Caminhos do Livro*. Campinas, SPALB/Mercado das Letras, 2003.

<sup>9</sup> ÉPOCHA, 20/10/1859, p.04

#### Guia Luzo-brasileiro.

Do viajante da Europa por Ignacio Manoel de Lemos [...] Esta obra acha-se á venda nas lojas seguintes: - rua das Flores, de José Gonçalves Aranha; rua dos Mercadores, de Silva & Irmão; e de Antonio da Costa Novaes Preço 3\$000 réis.

#### Compendio elementar de leitura da língua nacional, por Luiz Baena.

Vende-se até o fim do corrente mez na loja do sr. Levindo Antonio Ribeiro a 800 réis o exemplar, e de fevereiro em diante, encontrar-se-ha igualmente á venda em caza dos srs. Augusto & Braga, Guerra Irmão & C. e Francisco da Costa Junior. [grifos meus][grifos nossos]<sup>10</sup>

Quando não comercializavam livros novos, ocasionalmente os vendedores ocupavam-se de comercializar livros usados, porém em excelente estado, conforme excerto do jornal *Diário do Gram-Pará*:

#### Baratfssimo

Na travessa Santo Antonio casa n. 43, achão-se á venda por todo o dinheiro, (para não se perderem) os livros seguintes:

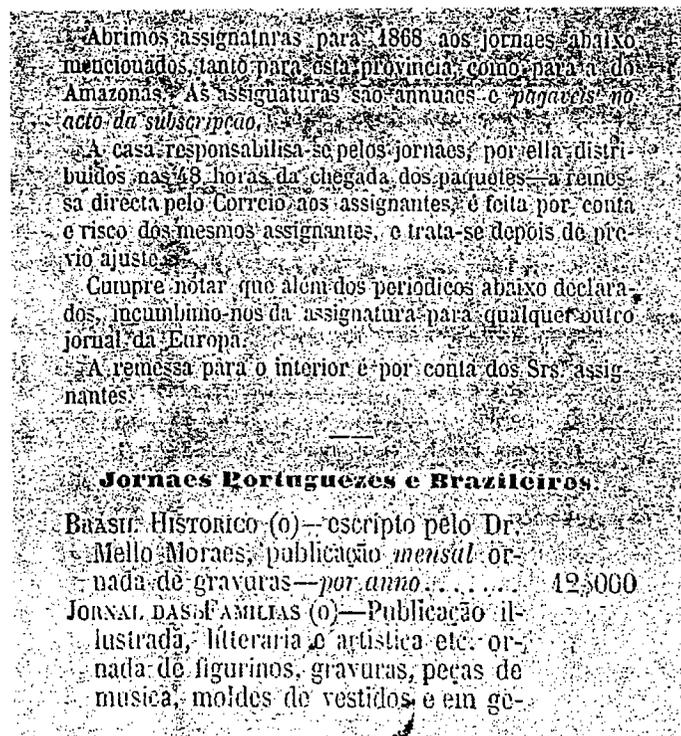
- Compendio de grammatica latina pelo padre Antonio Pereira, dito de Moura dita, Selecta dita, Eutropio dito, Sallustio dito, Tito Livio dito, Vergilio dito, Cornelio dito, Fabula dita, Syntaxe dita, Novo Methodo dito, Dicionario dito, Arte de Burgain franceza, dito de Monteverde dito, Telêmaco dito, Fabula dita, Dicionario dito, Compendio de geographia por Gachier; Atalas de Geographia com 20 cartas, Dicionário geographico com a sua competente carta, História Universal por Pedro Parley, Compendio de rhetorica, resumo do mesmo, Ponelle (philosophia), Instituições Oratórias de Quintilliano, Charmá (Philosophia), Dicionário Philosophico em 4 volumes. Estes livros não obstante terem servido, todavia estão em muito bom estado.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Grifos nossos. *Diário do Gram-Pará*, 19. abr. 1861. p. 3. col. 3. Vendas.

<sup>11</sup> *Diário do Gram-Pará*, 07. fev. 1861. p. 4. col. 1. Vendas.

Essas obras, anunciadas nas folhas por um vendedor de livros usados, destinavam-se, geralmente, ao uso na instrução pública e eram negociadas a valores promocionais. Tornou-se rotina, ainda, encontrar determinado representante de periódicos nacionais, internacionais anunciando a possibilidade de venda por assinatura. Carlos Seidl, em 1868, por exemplo, “disponibilizou” em sua livraria a assinatura de jornais portugueses e brasileiros, aprofundando enviar o periódico para o interior do estado assim que chegasse o pacote com os jornais, conforme comprova e imagem a seguir:

**Figura 3**  
Anúncio sobre a livraria de Carlos Seidl.



Fonte: Almanak administrativo, mercantil e industrial do Pará para o ano de 1868.

Em resumo, por meio dos livros comercializados podemos inferir o que, supostamente, compunha a lista de leituras dos paraenses na segunda metade do XIX e relacionar quais os títulos mais correntes daquele momento, possibilitando verificar em que o leitor da capital do Pará se diferenciava do leitor das outras Províncias. Algo é certo, obras, extremamente, difundidas na primeira metade do século, ainda se faziam atualizadas em Belém, como por exemplo, *O Piolho Viajante*, *História de Gil Blas*, *As aventuras de Telemaco*, *Historia do imperador Carlos Magno*<sup>12</sup> e outras mais atuais à medida que eram lançadas na Europa, como é o caso de *Salambó*, publicada em 1862 ou *L'homme qui rit*, editado em 1869 e divulgado nesse mesmo ano, em romance-folhetim, pelo jornal *Diário de Belém*.

Desse momento em diante, o número de livreiros, tipógrafos, encadernadores e mercadores de livros aumentou significativamente, a ponto de em vinte anos existirem cerca de vinte e três lugares comercializando livros, além de regatões e do comércio de contrafação de obras “indevidas” realizado por cabotagem<sup>13</sup>.

### 1 “BARATOS POR SER FIM DE ANNO”

A partir de 1857, observam-se, freqüentemente, nas folhas diárias, anúncios como o que segue, no qual o termo **LIVROS** é usado como palavra de efeito com o propósito específico de atrair pessoas interessadas em adquirir esse objeto ou serviço do anunciante:

<sup>12</sup> Segundo Márcia Abreu estes livros foram alguns dos títulos mais remetidos para o Brasil, pela mesa censória, entre 1769 e 1826. Cf. \_\_\_\_\_, Rumos da ficção no Brasil oitocentista. *Moara: Revista dos cursos de Pós-graduação em Letras da UFPA*, 21, p. 7-31, jan./jun., 2004.

<sup>13</sup> Sobre este assunto, ver: NOBRE, Izenete Garcia. *Leituras a Vapor: A cultura letrada na Belém oitocentista*. (Dissertação) Mestrado Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal do Pará: Belém, 2009.

Figura 4

Anúncio retirado do jornal *Diário do Gram-Pará* de 04 de julho de 1857.

**LIVROS.**

—No armazem de João José Dias da Costa, na rua do Agougue n. 7, existe á venda um grande sortimento de livros de recreio e instrucção, por preços baratíssimos. História sagrada pitoresca com 60 estampas coloridas em formato grande, Parnazó brasileiro, Vicentina romance brasileiro do Dr. Macedo, Rosa, pelo mesmo author, Branca de Beaulieu por Dumas, Mil e uma Noites, Historia da Revolução franceza por Thiers, A Cabana do Pai Thomaz, Annaes do Maranhão,

Em anúncios com este tipo com chamada apelativa, poder-se-ia encontrar romances como *Vicentina e Rosa*, de Joaquim Manuel de Macedo; *Os três Mosqueteiros*, *D. Branca*, *Memórias e Maria de Monsoreau*, de Alexandre Dumas; *Catão*, de Garrett e *Poesias Satíricas*, de Bocage. O reclame demonstra o que o livreiro entendia como barato a ser oferecido ao público.

O uso de termos de efeito, destacado com letras grandes ou realçado, como pode ser visualizado no anúncio, parece conotar vantagens ao consumidor se considerar que era pouca, ou quase nenhuma, esse tipo de propaganda. Quando surge, o público atribui-lhe valor, associando esse tipo de *slogan* a um espaço não somente mercadológico, mas de enriquecimento cultural.

Ora, seria inconcebível a uma cidade que experimentava o desenvolvimento econômico proporcionado pela borracha, não possuir lugares para acesso à cultura letrada. Isso explicaria o porquê de os livreiros disputarem lugar para anunciar seus produtos, chegando os anúncios a serem publicados por dois ou mais

anunciantes com o mesmo tipo de chamada apelativa, como “livros”; “livros baratíssimos”; “livros muito baratos”.

Sobre a utilização de estratégias como esses títulos chamativos para promoções de livros, Alessandra El Far<sup>14</sup> se refere aos anúncios sob mesma medida no Rio de Janeiro, no final do século, com uma diferença; lá os editores-livreiros faziam intervenções editoriais no livro, diminuindo, adaptando e utilizando papel barato ou formato brochura, a fim de baratear esse produto e imprimir uma edição popular para alcançar outros grupos sociais. Essa estratégia, entretanto, alcançava também os que podiam comprar os livros na Garnier.

Em Belém, os anúncios com os mesmos *slogans*, não eram divulgados por editores, mas por livreiros que, no intuito de atraírem mais compradores, apregoavam os “baratíssimos” pelas folhas periódicas. Não se sabe informar aqui, no entanto, se esses anúncios correspondiam a edições populares, igualmente aos que eram comercializados no Rio de Janeiro ou se esses livros chegavam aqui no formato caro, mas o que convém é observar que os reclames atraíam o público para a compra dos volumes à venda:

Na loja de João Baptista da costa Carneiro & C. na rua dos Mercadores, debaixo do sobrado de SR. Dr. Camillo, vende-se as seguintes obras: Mil e uma Noite 8 vol. 10\$000, Piolho viajante 4 vol. 5\$000, Paulo e Virginia 1 vol. 1\$600, saltador Sachonio 1 vol. 1\$800, História de Gilberto Braz 4 vol. 6\$000, Almocreve de Petas 3 vol. 9\$000, Cowboy de mentiras 1 vol. 3\$500, Espreitor de mundo novo 1 vol. 3\$500. História de Bertoldo e família 3 vol. 1\$000, João de Calles 1 vol. 400, D. Ignez de Castro 1 vol. 400, cartilhas com estampas 640, Henriquinho 640, Menino da Matta 200, Lembranças do passado 480 e outros mais folhetos que tudo se vende barato, dinheiro à vista<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>15</sup> *Diário do Gram-Pará*, 30 nov. 1857, col. 02, p. 04. Seção de vendas.

Anunciados a preços acessíveis, se comparados aos demais, J. B. da Costa Carneiro, em 1857, noticiava, entre os mais conhecidos do público atual, os volumes *Mil e uma Noites*, em 8 vol., a 10\$000, *O Piolho Viajante*, 4 vol., pelo valor de 5\$000, a *História de Gil Blas*, 4 vol., por 6\$000, *Paulo e Virginia*, 1 vol., na oferta de 1\$600 e o *Menino da Matta* a 200\$. Os títulos oferecidos a preço módicos por J.B. da Costa Carneiro, como *O piolho viajante* e a *História de Gil Blas*, estavam, segundo Márcia Abreu, entre os mais lidos no Brasil na primeira metade do século e, interessantemente, ainda permaneciam entre os mais anunciados pelos livreiros nas décadas de 1850 e 1860, em Belém. Esta recorrência de vendas comprova que essas obras estavam entre as mais vendidas, do contrário, não estariam sendo difundidas pelos livreiros que, antes de tudo, almejavam o lucro<sup>16</sup>.

É com esse tipo de recurso que encadernadores, impressores ou caixeiros como Levindo Ribeiro, João José Dias da Costa, João Baptista da Costa Carneiro, Antonio José Rabello Guimarães e Godinho Tavares se estabeleceram no mercado a ponto de, em seguida, suas lojas serem conhecidas como loja de livros e oficinas tipográficas, pois vendiam desde livros de instrução até romances e novelas conforme fosse a demanda do mercado. Esse fato pode ser visualizado, sobremaneira, com o caso de Levindo Antonio Ribeiro, cujo início de suas atividades no negócio de livros era a encadernação, em 1864, denominando sua loja não mais como oficina de encadernação, mas como livraria:

#### LIVROS IMPRESSOS

Na oficina de encadernação [grifo nosso] de Levindo Antonio Ribeiro na Travessa do Pelourinho n° 22 bb. Achão-se a venda as seguintes obras ultimamente chegadas:

<sup>16</sup> Se esses livros eram baratos mesmo como dizem os anúncios, cabe a nós comparar com o valor dos objetos comercializados na época ou com os salários pagos. O fato é que não seria tão fácil se o Sr. Joaquim Manuel de Macedo quisesse adquirir um desses volumes com o salário de 1\$600 que recebia pelas aulas no afamado Colégio

Mensageiros dos amantes; Livros das Terras [Novíssima edição]; Arte de conservar a vista; Compêndio de História do Brazil; Doceira Brasileira; Método de calcular a carne; Segredos da geração<sup>17</sup>.

Grammatica elementar da língua portugueza, por Felipe Benicio d'Oliveira Condurú adoptada para uzo dos collegios e aulas de instrução primaria desta provincia, a venda na livraria [grifo nosso] de Levindo Antonio Ribeiro<sup>18</sup>.

O quadro do mercado de livros em Belém se modificava com a fixação de um maior número de livreiros e a conseqüente elevação na circulação de obras. Essas atividades redefiniram um público paraense em torno de um mercado consumidor de impresso, que, conforme já mencionado, possuía prensa tipográfica desde 1821. Isso pode ser ratificado ao se apurar, nos relatórios e mensagens do governo, de 1857 a 1870, a oscilação entre as várias casas tipográficas que os imprimiram, dentre elas: Tipografia de *Santos & Filhos*; tipografia Commercial; Tipografia do *Diário do Commercio*; Tipografia de Frederico Carlos Rhossard; Tipografia de *Santos & Irmãos*; Tipografia do *Gram-Pará*; Tipografia do *Jornal do Amazonas*.

Assim, a multiplicação dessas tipografias, incluindo falência e abertura, demonstra o movimento de difusão cultural que se iniciou com o surgimento da imprensa diária e a disputa pela notícia, fatos que impulsionaram o movimento cultural da cidade<sup>19</sup>. A ocorrência desse comércio livreiro garantia ao leitor uma maior opção de escolhas entre as opções de compras e seleção de livros.

Livreiros como Carlos Seidl e Antonio José Rabello Guimarães influenciavam não somente na instituição de agremiações, mas interferiam até nas práticas de leitura na medida em que imprimiam

D. Pedro II. In: LAJOLO; ZILBERMAN, A *Formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.

<sup>17</sup> *Gazeta oficial*, 15 fev.1860

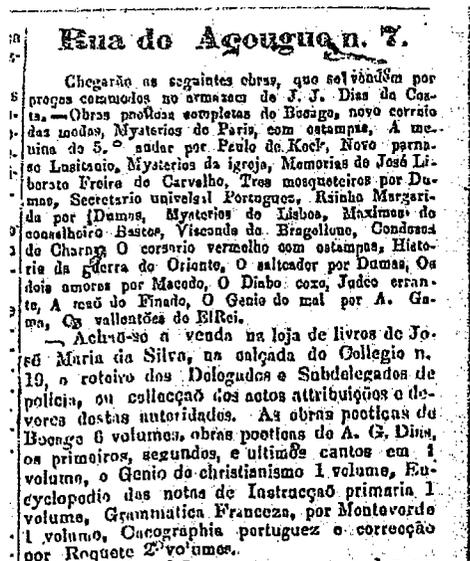
<sup>18</sup> *Diário do Gram-Pará*, 14 fev.1864. p. 3. col. 4. Vendas. Grifo

<sup>19</sup> Conforme Hallwell, esse tipo de desenvolvimento material e cultural foi ocasionado devido a fundação de uma prensa tipográfica na cidade.

e regulavam a venda dos livros, tanto para as camadas sociais mais abastardas quanto para as menos favorecidas economicamente. Por conseguinte, as significações e as maneiras de ler, os protocolos de leitura eram também definidos “(...) pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos do tempo”<sup>20</sup>. Esses indivíduos instigavam a vontade de ler, trocando o seu produto pelo desejo de consumo. Assim, manuais, hagiologias, histórias nacionais, seletas literárias, retóricas, livros de instrução, romances, novelas, poesias, obras completas faziam da seção de vendas uma miscelânea cultural disponível a quem quisesse ou pudesse adquirir, conforme comprovamos no anúncio abaixo:

Figura 5

Anúncio retirado do jornal Diário do Gram-Pará de 18 de fevereiro de 1858.



<sup>20</sup> CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger et All. *Práticas da Leitura*. Trad. de NASCIMENTO, Cristiane. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p.78.

Os anúncios estavam presentes na maioria dos periódicos da cidade, trazendo ao conhecimento do público as notícias sobre os exemplares disponíveis à venda.

Essas movimentações de chegada de livros, sua comercialização entre as estantes de mercadorias diversas e a ampla divulgação de venda de volumes em jornais efetivaram as transformações necessárias para a consolidação de uma cultura letrada em Belém, sedimentada, principalmente por um debate de ideias que passou a ilustrar, inclusive, a relação entre livreiros e leitores. Registra-se a atitude de José Maria da Silva, que, para atrair leitores, encomendava ou produzia resenhas nas quais esclarecia a utilidade do livro para seu tempo. Assim, mesmo o leitor distraído que folheasse almanaques, revistas ou jornais, a partir de 1860, encontraria, além da propaganda de alguma livraria, anunciando romances, novelas ou aventuras, encadernadas ou em brochura, de autores renomados, um pequeno texto afirmando que essas obras arrebatariam o “espírito do leitor com expedições brilhantes” e singulares:

Figura 6

Anúncio publicado no Almanak administrativo, mercantil e industrial do Pará para o ano de 1868.

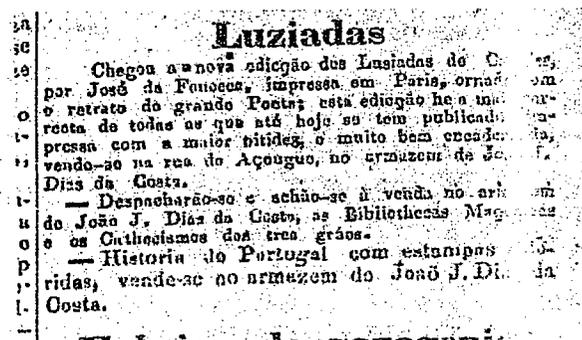


Pelo anúncio da livraria de José Maria da Silva confirma-se o uso de resenhas como um instrumento publicitário, primeiro para atrair a atenção do consumidor, segundo para justificar os preços que seriam cobrados pelo volume divulgado e, finalmente, para convencer o leitor de que determinada obra pode instruir e entreter seu comprador, a depender do gênero e autor.

Utilizavam, igualmente, títulos conhecidos, destacados em detrimento dos demais, a fim de oferecer informações sobre novas edições mais luxuosas, como:

Figura 7

Anúncio publicado no jornal Diário do Gram-Pará em 11 de maio de 1858.



Esses anúncios cotidianos correspondiam aos exemplares que chegavam à cidade de Belém, dados que podemos considerar ao analisarmos anúncios de alguns livreiros daquele período.

Nos jornais *A Época*, *Diário do Comercio*, *Gazeta Official* e *Diário do Gram-Pará* tornou-se recorrente encontrar anúncios de venda de livros nas lojas de José Maria da Silva e Levindo Ribeiro, que agiriam de 1857 a 1871. Esses dois livreiros sempre anunciavam seus produtos nesses periódicos diferentemente dos demais comerciantes de livros, que não mantinham regularidade na publicidade.

José Maria da Silva discretamente anunciava a venda de poucos livros de instrução e de alguns romances e novelas, entretanto os seus anúncios apareciam nas principais folhas diárias e identificando

seu estabelecimento como uma loja de livros<sup>21</sup>. Esse livreiro foi um dentre os vários que surgiram no século XIX em Belém, prenunciando uma História de vendas de livros ao cenário que seria composto por outros livreiros e casa comerciais que, na década de 70, começariam a modificar a ordem das estantes, separando volumes de romances dos maços de rapé ou dos litros de aguardente que confundiam essas mercadorias entre um espaço único.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos Livros*. Campinas/SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.

\_\_\_\_\_. Rumos da Ficção no Brasil oitocentista. *Moara: Revista dos cursos de Pós-graduação em Letras da UFPA*. 21, p. 7-31, jan./jun., 2004.

ALENCAR, José de. *Ao correr da pena*. 4 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, [19--].

\_\_\_\_\_. *Como e porque sou romancista*. 1, ed. 1873. Disponível em <[www.virtualbooks.com.br](http://www.virtualbooks.com.br)>. Acesso em 24 maio 2008.

BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. *Ensaio corográfico sobre a Província do Pará*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>> Acesso em 20 mar 2008.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

<sup>21</sup> Almanack de lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1867. Achão-se a venda na loja de livros [grifo meu] de José Maria da Silva, na calçada do collegio n°19, a 500 \$. In: ÉPOCHA, 20 nov. 1859. p. 04

- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902, p. 28.
- BORGES, Ricardo. *Vultos notáveis do Pará*. 2 ed. Belém: CEJUP, 1986.
- CHARTIER, Roger. Comunidade de Leitores. In: \_\_\_\_\_ . *A ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- \_\_\_\_\_. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger et All. *Práticas da Leitura*. Trad. de NASCIMENTO, Cristiane. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter. Trad. de LOPES, Magda. *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- Diário do Gram-Pará, 07 fev. 1861. p. 4. col. 1. Vendas.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação*. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.
- ÉPOCHA, 20 nov. 1859, p. 04
- HALLWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2005.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Formação da Leitura no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- MACHADO, Ubiratan. *Etiqueta de livros no Brasil: subsídios para uma história das livrarias brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.
- NEVES, Lúcia Maria Bastos P. & FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. *Livreiros no Rio de Janeiro: intermediários culturais entre Brasil e Portugal ao longo do oitocentos*. Disponível em: [http://www.realgabinete.com.br/coloquio/3\\_coloquio\\_outubro/paginas/16.htm](http://www.realgabinete.com.br/coloquio/3_coloquio_outubro/paginas/16.htm). Acesso em: 22 set. 2008.
- QUEIROZ, Juliana Maia de. *A circulação de romances nos catálogos das livrarias Garnier e Laemmert*. XI ENCONTRO REGIONAL DA ABRALIC, 11., 2007, São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo:

- ABRALIC, 2007. Disponível em: [www.abralic.org.br/enc2007/anais/16/251.pdf](http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/16/251.pdf). Acesso em: 28. 01. 2008.
- SEMERARO, Cláudia Marino. *História da Tipografia no Brasil*. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo/ Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do governo do Estado de São Paulo, 1979. p. 1-22.
- WITTMANN, Reinhard. Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII? In: CAVALLO, GUGLIERMO; CHARTIER, Roger. *História da Leitura no mundo ocidental*. Trad. Cláudia Cavalcante et. al. São Paulo: Ática, 1999. p. 135-163.